

Área Temática: EDUCAÇÃO

DE ONDE SOU? DA SERRA”: REPRESENTAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA COLETIVA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA PASSO DO LOURENÇO

André Gomes de Almeida¹
Georgina Helena Lima Nunes²
Deise Teresinha Radmann Cunha³
Leandro Haerter⁴
Odilom Júnior Segóvia⁵

Resumo: O presente trabalho é um recorte das categorias encontradas durante as inserções em campo do Projeto de Extensão “Cultura, Terra e Resistência: matrizes por onde construir materiais didáticos para Comunidades Quilombolas”, financiado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação. O referido Projeto de Extensão encontra-se em execução pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas e seu produto final será um livro didático e um DVD temático. São nove comunidades em Canguçu e duas em Piratini, todas elas no interior do estado do Rio Grande do Sul. O método utilizado durante o trabalho foi o etnográfico, com registros em diários de campo, imagens, áudio e vídeo, além de entrevistas abertas e observações. Neste texto, o coletivo de pesquisadores desenvolve a categoria “memória coletiva”, presente no universo de uma das Comunidades Quilombolas pesquisadas no âmbito do Projeto, qual seja, a comunidade do Passo do Lourenço, localizada no 4º Distrito do município de Canguçu. Uma das músicas lembradas chama-se “Adeus Mariana”, gravada por Pedro Raymundo no ano de 1943. Os relatos apontam que fora criada uma representação acerca da letra da referida música, que diz: “Nasci lá na cidade/me casei na serra/com a minha Mariana/moça lá de fora”. Os interlocutores lembram da música por dois elementos importantes: o fato de Mariana ser “de fora”, ou seja, pessoa do campo e a “serra”, localidade reinventada dentro da memória coletiva da comunidade quilombola do Passo do Lourenço.

Palavras-chave: Memória coletiva, relações interétnicas, comunidade quilombola.

Abstract: This paper is a fragment of the categories found in the fieldwork during the Extension Project “Cultura, Terra e Resistência: matrizes por onde construir materiais didáticos para Comunidades Quilombolas”, which is funded by the Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade of the Ministério da Educação. The mentioned extension project is executed by the Faculdade de Educação of the Universidade Federal de Pelotas and its final product will be a textbook and a thematic DVD. There are nine communities in Canguçu and two in Piratini, all of them in the state of Rio Grande do Sul interior. During the study, we used the ethnographic method, with notes in fields diaries and records of images, audio, video, including open interviews and observations. In this paper, the group of researches developed the “collective memory” category presents in the universe of the one of the “quilombolas” communities investigated during the Project, called Passo do Lourenço Community, located in the 4th District of Canguçu. One of the songs reminded called “Adeus Mariana”, recorded by Pedro Raymundo in 1943. There are narratives that indicate the creation of a representation on the letter of that song, which says: “Nasci

¹ Graduando em Licenciatura em História (ICH-UFPel). E-mail: andre_gsdealmeida@yahoo.com.br.

² Prof^a. Dr^a da Faculdade de Educação da UFPel. E-mail: geohelena@yahoo.com.br.

³ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia (FaE-UFPel). E-mail: cunha.deise@gmail.com.

⁴ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS-UFPel). E-mail: lhaerter2@yahoo.com.br.

⁵ Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais (ISP-UFPel). E-mail: odilom.segovia@gmail.com.

lá na cidade/me casei na serra/com a minha Mariana/moça lá de fora”. The interlocutors remember the music of two important elements: the fact of “Mariana” be “de fora”, in other words, person of the field and the “serra”, location reinvented by the collective memory of the Passo do Lourenço Community.

Key-words: Collective memory, interethnic relations, “quilombola” communities.

Introdução

Este artigo surge a partir do Projeto de Extensão “Cultura, Terra e Resistência: matrizes por onde construir materiais didáticos para Comunidades Quilombolas”, financiado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (SECAD/MEC) e executado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FAE/UFPEL).

O referido Projeto de Extensão tem como objetivo a construção de materiais didáticos, especificamente um livro e um DVD temático voltado para os Anos Finais do Ensino Fundamental. São um total de nove comunidades em Canguçu e duas em Piratini, todas elas no interior do estado do Rio Grande do Sul, que constituem nosso referencial empírico. Durante o trabalho foi utilizado o método etnográfico, com registros em diários de campo, imagens, áudio e vídeo, além de entrevistas abertas e observações.

Neste texto, o coletivo de pesquisadores desenvolve a categoria “memória coletiva”, presente no universo de uma das Comunidades Quilombolas pesquisadas no âmbito do Projeto, qual seja, a Comunidade Quilombola do Passo do Lourenço, localizada no 4º Distrito do município de Canguçu, a partir da letra de uma das músicas lembradas por eles, que se chama: “Adeus Mariana”, gravada por Pedro Raymundo no ano de 1943.

Essa música é lembrada e ressignificada através de dois importantes elementos: o fato de Mariana ser “de fora”, ou seja, pessoa do campo; e pela própria “serra”, localidade reinventada dentro da memória coletiva da comunidade quilombola investigada e que mostra muito sobre o vínculo que mantém com seu território tradicionalmente ocupado e sua memória coletiva.

Nesse sentido, o artigo tem como objetivo discutir essa relação entre memória coletiva e território, a partir do olhar do Projeto de Extensão mencionado, privilegiando a representação criada acerca da letra da música, cujo refrão enfatiza: “Nasci lá na cidade/me casei na serra/com a minha Mariana/moça lá de fora”.

“Adeus Mariana” na memória coletiva e no território da Comunidade Quilombola Passo do Lourenço

O Projeto de Extensão “Cultura, Terra e Resistência: matrizes por onde construir materiais didáticos para comunidades quilombolas”, se orienta pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais, cuja proposta é

[...] oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afro descendente, no sentido de políticas afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade. Trata-se, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe a divulgação e produção de conhecimentos e formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial para interagirem na construção de uma nação democrática em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (BRASÍLIA, 2004, p. 02)

Além disso, temos como orientação as determinações da lei 10.639/03, que altera a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, no que se refere à inclusão no currículo oficial da Educação Básica a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Esta

lei determina que o estudo de tais conteúdos seja realizado no âmbito de todas as disciplinas curriculares, com prioridade para as disciplinas de Educação Artísticas, Literatura e História do Brasil.

O referido Projeto de Extensão, parte da vivência das comunidades quilombolas existentes nos municípios de Canguçu (Armada, Cerro das Velhas, Estância da Figueira, Favila, Iguatemi, Manuel do Rego, Maçambique, Passo do Lourenço e Potreiro Grande) e de Piratini (Fazenda Cachoeira e Rincão do Quilombo), ambas localizadas no interior estado do Rio Grande do Sul e aborda aspectos locais articulados à História da África, a História dos Negros no Brasil e no Rio Grande do Sul e a formação de quilombos históricos e também contemporâneos.

O trabalho é desenvolvido através de perspectivas investigativas empíricas e teóricas. O empírico é buscado de duas formas: por meio de inserções de natureza etnográfica nas comunidades quilombolas dos municípios de Piratini e Canguçu para coleta de dados onde se faz necessário “situar seus sujeitos em um contexto histórico e social. É só ao completar esse movimento interpretativo, indo do particular ao geral, que o pesquisador cria um relato etnográfico” (FONSECA, 1998. p. 67).

As inserções etnográficas tiveram início através de visitas de reconhecimento aos locais e, a partir destas, foram retirados dados preliminares que serviram de orientação para as idas posteriores; de cada inserção resultaram diários de campo, informações registradas sob a forma de vídeos e imagens que foram significativos no levantamento de aspectos comuns e singulares de cada comunidade quilombola. Paralelamente ao trabalho de campo, ocorreram seminários de formação para os professores das redes municipais dos citados municípios, contando, inclusive, com a participação de integrantes dessas comunidades.

O material torna-se teórico na medida em que se organiza as categorias emergentes e a partir destas investe-se no aprofundamento acerca de temas específicos, tais como: a expropriação da terra, saúde da população negra, organização do trabalho agrícola, relações de gênero, crenças e mitos, plantas medicinais, religiosidade, meios de produção quilombola, religiosidade, educação formal e informal, corporeidade negra e outros.

Em termos de referencial teórico, é importante que se diga que o surgimento de comunidades negras rurais no Brasil acontece no período do pós-Abolição, e são constituídas pelos antigos quilombos formados por negros fugidos do sistema escravista, por domínios doados com ou sem formalização jurídica (ANJOS; BAPTISTA DA SILVA, 2004) e por outras formas de ocupação do território que traduzem modos de vida específicos desses agrupamentos étnicos, cuja característica central de suas formas de estar no mundo, em sociedades que se constituem com a marca da escravidão é a resistência.

É com o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, que o Estado brasileiro cria a possibilidade de regularização fundiária dos territórios tradicionalmente ocupados (ALMEIDA, 2006) por essas comunidades negras rurais. Decorrente desse processo, temos uma grande visibilidade social e política desses coletivos de afro-descendentes, justamente pela possibilidade concreta de serem reconhecidas pelo Estado como “remanescentes de quilombo” e, como consequência, terem a posse definitiva de suas terras. O surgimento de novas identidades coletivas, graças ao processo de auto-identificação quilombola dessas comunidades negras rurais, que valoriza suas trajetórias históricas e culturais, bem como as memórias e estratégias de permanência em seu território, são outros elementos que ajudam a explicar a grande visibilidade que essas populações passam a ter no cenário político brasileiro contemporâneo, ou seja, as 3.740 populações negras até então reconhecidas oficialmente pela Fundação Cultural Palmares eram desconhecidas sob o ponto de vista de sua existência real e formal.

Consideramos o enfoque deste trabalho, como um viés importante no processo de resistência negra, uma vez que a análise da letra da música “Adeus Mariana” nos possibilita, entre outras questões, valorizar o processo de constituição da memória coletiva da comunidade quilombola Passo do Lourenço, mostrar a resignificação da letra na perspectiva da localidade e compreendê-la como uma forma de se estabelecer um vínculo afetivo (HAESBAERT, 2006) com o seu território. Por

outro lado, esta discussão é relevante na medida em que perpassa parte do processo de construção de uma identidade negra e quilombola, que acessa repertórios, neste caso, artísticos de outro contexto étnico-cultural para firmar-se enquanto sujeito cujas identidades se constituem e reconstituem, permanentemente, neste processo de diálogo/negociação (BHABHA, 2003).

É fundamental que se reconheça nesse processo de auto-identificação quilombola a atuação do Movimento Social Negro e também do campo da Antropologia. Nesse sentido, salientamos que no ano de 1994 foi criado um Grupo de Trabalho pela Associação Brasileira de Antropologia, que definiu quilombo como:

[...] Contemporaneamente, portanto, o termo quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea [...] consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio [...] (O'DWYER, 2002, p.18).

Essa formulação é importante para compreendermos as atuais comunidades quilombolas, que não tiveram sua origem num quilombo tradicional⁶, a partir de suas trajetórias históricas e culturais, na permanência em seu território, na ancestralidade negra/escrava e numa memória que articula e conecta todos esses elementos às necessidades emergentes em períodos coloniais e pós-coloniais, ou seja, os quilombos se constituem a partir de circunstâncias muito específicas dos negros da diáspora brasileira que em todos os seus ciclos demanda formas de organização e ocupação de espaços físicos – territórios negros – que só podem ser interpretados na persistente tensão de uma sociedade fortemente racializada.

Dessa forma, em termos metodológicos, fazemos uso do entendimento de etnografia proposto por Geertz (1989) em sua teoria interpretativa, pois

[...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: o risco elaborado para uma “descrição densa” [...] (p. 15).

É nesse sentido que durante as inserções etnográficas realizadas priorizamos a observação, as diferentes interações com os moradores da comunidade, a entrevista aberta, a elaboração de genealogias e a manutenção de um diário de campo, apontando, no entanto, que os dados apreendidos ainda apresentam incompletudes que exigem um maior acento no trabalho investigativo uma vez que a natureza do Projeto de Extensão “Cultura, Terra e Resistência: matrizes por onde construir materiais didáticos para comunidades quilombolas” se articula às instâncias indissociáveis de extensão e ensino.

Em termos de perspectiva teórica para pensarmos memória coletiva, fazemos uso de Halbwachs (1990), Benjamin (1994), Pollak (1989) e Haesbaert (2006), pois os primeiros trabalham a concepção de memória como construção social, reconhecendo a fluidez do processo e os atravessamentos entre diacronia e sincronia. Haesbaert, por abordar território em múltiplas dimensões, entre elas um enfoque relacional. Ambos constituem referenciais teóricos apropriados para se refletir acerca da proposta deste trabalho, que busca relacionar memória coletiva e território. No que tange à memória coletiva, esta possui uma função muito importante que é a manutenção de uma “comunidade afetiva” (HALBWACHS, 1990), situação que se observa nos processos de

⁶ O conceito tradicional de quilombo foi formulado pelo Conselho Ultramarino, durante o Brasil Colônia, e se referia como comunidade isolada constituída por negros escravos fugidos e resistentes ao sistema escravista, em locais de difícil acesso.

coesão social. Além disso, a memória coletiva é um processo seletivo, percebida como construção e não como resultado pronto e definitivo.

Benjamin (1994), por sua vez, traz a importante figura do narrador, muito significativa se levarmos em consideração que a Comunidade Remanescente de Quilombo Passo do Lourenço se configura como uma comunidade negra cuja presença de narradores vem a fortalecer os sucessores das famílias que hoje, politicamente, disputam um espaço cuja história, por exemplo, de Generosa, emblema da comunidade que nos reportaremos mais tarde, os remete a uma auto-afirmação identitária que os coloca no protagonismo de suas reivindicações por direitos de toda as naturezas, historicamente negados. Aos negros e negras lhes era negado o direito de ter e fazer histórias, contudo, as persistentes narrativas do Passo do Lourenço, se colocam, permanentemente, na contramão de uma história silenciadora e silenciada acerca da presença negra no Brasil.

Nos termos de Benjamin (1994), o narrador é aquele que faz a transmissão oral da experiência, que transforma o vivido em experiência compartilhada. Assim, é possível se estabelecer uma relação entre passado e futuro no ato de lembrar determinado fato, sendo que essa questão corrobora para ajudar a perceber elementos culturais comuns a determinado grupo.

Na perspectiva de Pollak (1989), memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essência de uma pessoa ou de um grupo.

Já no que se refere à noção de território, a concepção de Haesbaert (2006) é de extrema importância na medida em que o conceito tem uma dimensão natural, social, política e possuiu um sentido relacional. Para o autor:

[...] o território compõe de forma indissociável a reprodução dos grupos sociais, no sentido de que as relações sociais são espacial ou geograficamente mediadas. Podemos dizer que essa é a noção mais ampla de território, passível assim de ser estendida a qualquer tipo de sociedade, em qualquer momento histórico, e podendo igualmente ser confundida com a noção de espaço geográfico (HAESBAERT, 2006, p. 54).

Ou ainda:

O território, de qualquer forma, define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) em que está mergulhado, relações estas que são sempre, também, relações de poder [...] (idem).

Na etnografia realizada entramos em contato com várias histórias que falam sobre os “tempos antigos”, dentre essas memórias destacam-se as categorias que as pessoas criaram para descrever os tempos passados e as representações acerca de onde vivem. Um dos seus possíveis mitos fundadores, conforme relatos orais, fala acerca de uma senhora negra de nome Generosa que foi vendida entre famílias escravocratas, em uma das casas antigas que existem dentro do território compreendido como o Passo do Lourenço, onde teria se encontrado o contrato de venda onde teria o preço de 4.000 réis pagos pela escrava Generosa, que veio a falecer com mais de 100 anos de idade. As pessoas mais velhas da comunidade tiveram contato com esta senhora e suas lembranças remontam a tempos onde as condições de vida, quantidade da população que habitava o quilombo eram diferentes.

Figura 1 – Hermes Cardoso, um dos descendentes da Escrava Generosa



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão “Cultura, Terra e Resistência: matrizes por onde construir materiais didáticos para comunidades quilombolas”.

Figura 2 – Casa, que conforme relatos, pertenceu a escrava Generosa depois de liberta



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão “Cultura, Terra e Resistência: matrizes por onde construir materiais didáticos para comunidades quilombolas”.

Figura 3 – Escombros da antiga casa onde teria sido encontrada a certidão de venda da escrava Generosa



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão “Cultura, Terra e Resistência: matrizes por onde construir materiais didáticos para comunidades quilombolas”.

Figura 4 – A serra onde se localiza a Comunidade Remanescente de Quilombo Passo do Lourenço



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão “Cultura, Terra e Resistência: matrizes por onde construir materiais didáticos para comunidades quilombolas”.

Os delicados fios da memória entrelaçam-se com a vivência cotidiana dos moradores, os membros mais velhos atrelam as imagens do passado com as festas e com as músicas, uma vez que se realizavam, danças e músicas propriamente ditas que eram tocadas. Uma das músicas lembradas chama-se “Adeus Mariana”, gravada por Pedro Raymundo no ano de 1943. Os relatos apontam que foi criado uma representação acerca da letra da referida música, que diz:

**“Nasci lá na cidade
me casei na serra
Com minha Mariana
moça lá de fora**
Um dia eu estranhei
os carinhos dela
E disse Adeus Mariana
que eu já vou embora

É gaúcha de verdade
dos quatro costados
Que usa chapéu grande,
bombacha e esporas
E eu que estava vendo
o caso complicado
Disse Adeus Mariana
que eu já vou embora

Nem bem rompeu o dia
me tirou da cama
Encilhou o tordilho
e saiu campo afora
e eu aproveitei
e saí dizendo
Adeus Mariana
que eu já vou embora

Ela não disse nada
mas ficou cismando
Que era dessa vez
que eu daria o fora
Pegou uma soiteira
e veio contra mim
Eu disse larga Mariana
que eu não vou embora.”
(grifos nossos)

A resignificação dessa música está permeada pelo reconhecimento de que os interlocutores lembram da mesma por dois elementos importantes: o fato de Mariana ser “de fora”, ou seja, pessoa do campo e a “serra”, localidade reinventada dentro da memória coletiva da comunidade quilombola do Passo do Lourenço, aproximando da serra existente na Comunidade Quilombola Passo do Lourenço, precisamente em seu refrão: “Nasci lá na cidade/me casei na serra/com a minha Mariana/moça lá de fora”.

Não se fala de uma serra estereotipada, como a imagem da Serra Gaúcha onde chegou enormes levadas de imigrantes europeus, como possivelmente fora a idéia original da música. A serra, para eles, é a Serra dos Tapes, no município de Canguçu (próximo à Piratini, onde a Comunidade Quilombola Passo do Lourenço se encontra localizada), historicamente palco de fugas de escravos e formação de quilombos no século XIX, como no caso do famoso quilombo de Manuel Padeiro cujo nome remete à sua principal liderança. Além de lutas e temor por parte dos proprietários de cativos da região, cujas atividades eram relacionadas às charqueadas, fábricas de exploração de força de trabalho escrava cujo objetivo era a salga da carne, as representações acerca do lugar, das relações sociais estabelecidas e do tempo histórico emergem, requerendo, uma complexidade de análises que

perpassam diferentes campos do saber, do viver e do rememorar.

Nesse contexto, percebemos que a memória coletiva é acionada, inclusive, através de vários elementos musicais, consoantes com a trajetória de vida do grupo, relações interétnicas e, sobretudo, sua vinculação ao território no qual vivem e reproduzem suas crenças e tradições. No caso de “Adeus Mariana”, os fatos marcantes retomam ao presente de maneira nem sempre clara (HAERTER, 2010) e estão sempre imbricados a determinados pontos, pelos quais torna-se possível interpretar histórias que se apresentam, muitas vezes, subliminarmente, nas entrelinhas das narrativas.

Destacamos que categorias como “terra” e “identidade” estão intimamente relacionados à memória coletiva. A partir desta, se constituem as relações sociais e culturais transmitindo os bens materiais e imateriais (como uma música e sua ressignificação), conforme afirma Deleuze e Guatari:

O território não é primeiro em relação a marca qualitativa, é a marca que faz o território. As funções num território não são primeiras, elas supõem antes uma expressividade que faz território. É bem nesse sentido que o território e as funções que nele se exercem são produtos da territorialização. (*apud* Pinto, 2011, p. 82).

Dentre os muitos relatos encontrados durante o trabalho etnográfico, alguns apontaram a relação que tecem com os “tempos passados” e suas lembranças, o modo que as interpretam em sua vida cotidiana e as articulam com o presente, possibilitando um vasto leque de interpretações. (HAERTER, 2010).

É o caso de “Adeus Mariana”, que, em seu processo de ressignificação, conecta a “moça lá de fora” à sua realidade rural cotidiana e a “serra” como um lugar reinventado pelos quilombolas da Comunidade Quilombola Passo do Lourenço que aproxima e dá sentido ao seus modos de vida, sua reprodução social, suas trajetórias históricas e culturais.

Conclusão

As possibilidades de mudanças sempre perpassaram a realidade concreta dos quilombos, contexto cujas histórias de resistência à escravidão, estratégias de permanência em seu território tradicionalmente ocupado e de liberdade, enquanto permanentes devires, manifesta-se por muitas formas de rememorar, entre elas, a memória perpassada pela musicalidade que, entre tantas reflexões, suscita, e reforça identidades negras e quilombolas.

Nessa perspectiva, os relatos orais dos membros da comunidade quilombola Passo do Lourenço apontam que fora criada uma representação acerca da letra de “Adeus Mariana”, que diz: “Nasci lá na cidade/me casei na serra/com a minha Mariana/moça lá de fora”. As histórias de amor, flertes, aproximações, socializações através de festas dançantes, cantantes, serenatas, mutirões de trabalho que culminam em festas, revelam o quanto a presença negra vai se afirmando no contexto brasileiro através de uma mescla de subjetividades que as racionalidades acadêmicas de todos os campos de saberes (antropologia, história, sociologia, pedagogia) ainda não conseguiram dar conta, concentrando-se, geralmente, em dicotomias que desprezam as inúmeras formas de enfrentamento às adversidades que decorrem de repertórios culturais que só podem ser compreendidos no vínculo com África e a brasilidade africana que permanentemente emerge dos quilombos.

A lei 10.639/03 aponta para essa necessidade de conjugar as africanidades brasileiras à educação de todos/as brasileiros/as como um direito que não se restringe às populações negras, mas como direito de todos, como direito humano que prevê que relações sociais estabelecidas entre diferentes segmentos étnico-raciais signifiquem a convivência entre os grupos, cujas diferenças não representem desigualdades sociais.

Cultura, Terra e Resistência, projeto de onde emerge esta escrita, aponta para a produção de materiais didáticos que tornem a escola brasileira mais plural, mais enriquecida por elementos da cosmovisão afro-brasileira que possibilitam práticas pedagógicas em que a cotidianidade das pessoas sejam representativas para conteudizar, politicamente, o currículo da escola que, muitas vezes, prescinde da vida e por isso, nega-se a construir pedagogias da diferença, pedagogias anti-

racistas, pedagogias emancipatórias, potencializadoras de vivências escolares, pode-se dizer, mais cantantes das singularidades culturais e históricas, principalmente, das populações negras.

Referências

ANJOS, José Carlos Gomes; BAPTISTA DA SILVA, Sergio (Orgs.). **São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. **Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2006.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. 25.ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

BRASÍLIA. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: MEC/CNE, 2004.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso não é um caso. **Pesquisa Etnográfica na Educação**. p. 58-77. XXI Reunião Anual da ANPED. Caxambu/MG, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HAERTER, Leandro. **Uma Etnografia na Comunidade Negra Rural Cerro das Velhas: memória coletiva, ancestralidade escrava e território como elementos de sua auto-identificação quilombola**. 2010. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. et al. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006, p.43-71.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Associação Brasileira de Antropologia, 2002.

Pollak, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

PINTO, Maria Cecília Barros Virgolino. Remanescentes Quilombolas de Jurussaca – Processos Identitários. In: CUNHA, Ana Stela de Almeida (org.). **Construindo Quilombos, Desconstruindo Mitos: A educação formal e a realidade quilombola no Brasil**. São Luís: SETAGRAF, 2011.